

ÂNIMO NA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Paulo C. G. Nogueira
Mestrando em Ciências da Religião - PUC-SP
peregrino95@uol.com.br

GRESCHAT, Hans-Jürgen (2005). *O que é Ciência da Religião?* São Paulo, Paulinas.

Resumo: Esta é uma breve análise do livro *O que é Ciência da Religião?*, de Hans-Jürgen Greschat. Sem a intenção de partir para um resumo da obra, o que se pretende é mostrar como o autor consegue, através de uma linguagem simples e objetiva, atingir o propósito de definir tanto o papel da ciência da religião quanto da relação de estudantes ou profissionais da área com seu objeto de estudo.

Palavras-chave: ciência da religião; cientista da religião; objeto de pesquisa.

Abstract: This is a brief analysis of the book *Was ist Religionswissenschaft?*, by Hans-Jürgen Greschat. Without the intention of presenting a summary of the book, through a simple and objective language, the purpose is to show how the author achieves to define both the role of the science of religion and the relation between students or professionals of the area and their object of study.

Key-words: science of religion; scientist of religion; research object.

Certa vez, Allan Watts, reconhecido intérprete das religiões orientais, perguntou a Joseph Campbell qual era o seu yoga, ao que este respondeu: meu yoga é sublinhar frases. Fosse o renomado mitólogo um estudante de Ciências da Religião, certamente gastaria muito grafite sublinhando a obra de Hans-Jürgen Greschat, *O que é Ciência da Religião?*.

Começemos pelo título: a primeira impressão é a de que temos em mãos mais um livro introdutório sobre Ciência da Religião, mas suas qualidades vão além de apenas servir a esse propósito. O título, aliás, já faz parte de uma conhecida controvérsia quanto ao nome da disciplina: Ciência da Religião, no singular. Outras duas obras, tidas como referências dessa área de estudo, ilustram o impasse: a dos italianos Giovanni Filoramo e Carlo Prandi (1999) leva o título de *As Ciências das Religiões*; a outra, organizada por Faustino Teixeira (2001), aparece como *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*.

À parte a discussão sobre como brasileiros, italianos e alemães abordam a nomenclatura de sua disciplina, adotemos uma postura de respeito quanto à relevância dessa abordagem e sigamos em frente com a leitura de Hans-Jürgen Greschat. Em seu prefácio, o autor afirma que seu livro pretende inspirar: a surpresa é que de fato consegue fazê-lo. Quem ler *O que é Ciência da Religião?* terá uma agradável experiência, principalmente se o que busca é uma leitura que traga novos padrões de abordagem dessa disciplina.

O que confere ao livro uma leitura bastante proveitosa é o fato de que, diferentemente das duas outras obras citadas, nesta somos chamados à labuta, como se a intenção fosse a de mostrar ao cientista da religião que seu trabalho é muito mais dinâmico do que pode parecer num primeiro momento. Somos convidados a buscar sempre o conhecimento teórico, autores e obras que darão sustentação às ideias que surgirão conforme se avance a pesquisa; ao mesmo tempo, somos incitados a, nas palavras do autor, “usar todo nosso instrumental sensório” na tarefa de estudar a religião alheia. Não se nega a importância do texto, mas o cientista da religião que trabalha apenas com textos, fazendo pouco uso dos outros sentidos, termina por abordar seu objeto de maneira no mínimo incompleta, quando não totalmente equivocada.

Cientistas da religião, na ótica de Greschat, são pessoas curiosas e precisam expandir seus conhecimentos fazendo-se valer dos mais diversos recursos. Precisam notar a importância do visual e aceitar que, muitas vezes, como afirma o autor, o texto desempenha papel de coadjuvante quando a imagem diz muito mais sobre o objeto ou o fenômeno religioso em questão; frequentemente, o uso de slides, fotografias ou filmes é o único meio capaz de documentar um rito, por exemplo.

De uma maneira bem sucinta, cita os objetos de pesquisa do cientista da religião dentro das seguintes categorias (p. 64):

- obras de pintores, desenhistas e escultores;
- utensílios religiosos fabricados e usados por fiéis, expostos em museus;

- documentos sobre a religiosidade alheia (imagens pintadas, fotografias e audiovisuais).

É dada muita ênfase à importância da relação entre o cientista da religião e seu objeto de estudo, ou seja, a própria religião abordada, que pode ser investigada de acordo com quatro perspectivas: comunidade, atos religiosos, doutrina e experiência religiosa – seu elemento central na opinião do autor.

O mérito de Greschat foi o de conseguir elaborar um texto teórico repleto de informações práticas; quando faz suas categorias – seu estilo de escrita é muito didático –, não as deixa simplesmente soltas em conceitos puramente teóricos, enriquecendo-as com exemplos, pequenas histórias e quase sempre ilustrando com algumas dicas, verdadeiras ferramentas de trabalho do pesquisador. Uma maneira interessante de se chegar a esse “manual” de conduta é observar o que Greschat escreve logo após o termo “cientista(s) da religião”. Serão vários os momentos em que o leitor se deparará com isso, e não deixa de ser gratificante se o que se busca, com essa leitura, for uma resposta à questão do papel do cientista da religião, não só como estudante mas também como profissional. Vejamos algumas passagens em que isso acontece:

- cientistas da religião mesmo que se dediquem a pesquisas detalhadas, não perdem de vista a totalidade da religião estudada (p. 24);
- cientistas da religião são competentes para avaliar se uma religião é corretamente entendida ou não; todavia, não atestam a verdade ou falsidade de uma religião (p. 34);
- cientistas da religião, quando descrevem ou, pelo menos, mencionam uma determinada religião, devem confirmar se os aderentes reconhecem sua crença no texto (p. 41);
- cientistas da religião que trabalham apenas com textos são como cegos que falam de paisagens que lhe foram descritas, em palavras, por pessoas que podem ver (p. 77);
- cientistas da religião esforçam-se por trazer à luz aspectos de uma religião alheia quando conversam com os adeptos (p. 84);
- cientistas da religião preocupados com riscos fatais não partem para uma viagem longa de pesquisa (p. 91);
- cientista da religião (um) bem preparado precisa ter “nervos de aço” (p. 97);
- cientistas da religião respondem à questão de como algo religioso funciona (p. 117);

- cientistas da religião são especialistas em religião; teólogos, são especialistas religiosos (p. 155).

Os exemplos são muitos e variados, como se pode perceber pelos escolhidos acima, e o interessante na abordagem de Greschat é que sua leitura não cansa o leitor com excesso de informações e questionamentos, mesmo correndo o risco de parecer superficial; pelo contrário, possui uma intensidade muito peculiar, como se sua função fosse a de ensinar a pescar em vez de dar o peixe.

Tal qual um mestre que precisa indicar o caminho da senda ao neófito, Greschat demonstra humildade quando discorre sobre a personalização da Ciência da Religião ao afirmar sua necessidade em tornar-se discípulo “levando em conta a possibilidade do aprendizado com base em um conhecimento transmitido pelo outro”, considerando, também, “a possibilidade de que esse aprendizado expanda nossa consciência” (p. 161).

Toda sua leitura carrega esse tipo de envolvimento, levando-nos à reflexão sobre o papel do cientista da religião e sua relação com o objeto, mas sem esquecer a ética e o respeito pela religião e pelas crenças do outro. Faz-nos ver nossa disciplina com uma dimensão que muitos de nós talvez nem tenhamos nos dado conta, nos instiga a ir atrás de nossos objetos de estudo com a mesma paixão com que um bailarino se entrega à dança ou um músico ao seu instrumento. Hans-Jürgen Greschat deixa a impressão de que faz, enquanto cientista da religião, realmente aquilo que gosta, o que acrescenta à sua leitura um ânimo pouco habitual na literatura acadêmica. Nisso reside seu mérito.

Referências

FILORAMO, P. e PRANDI, C. (1999). As ciências das religiões. São Paulo, Paulus.

GRESCHAT, H-J. (2005). O que é Ciência da Religião? São Paulo, Paulinas.

TEIXEIRA, F. (org.) (2001). A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo, Paulinas.